

## O Pio dos Mochos Ao camarada Duarte

Há um ano que ansiava por aquele momento (fazia um ano e dois dias que fora suspenso, por mau porte na prisão) - e agora, que Alexandre lhe entrara pelo quar-to dentro, sentia-se incapaz de repetir uma palavra se-quer da conversa que tantas vezes planeara. Alexandre não aludiu ao passado, nem mostrava ressentimento. E isso aumentava a sua ansiedade.

Houve um silêncio breve. Depois, aquele que fora o seu melhor amigo expôs-lhe o caso em poucas palavras. «Que os camponeses da sua terra natal não se deixaram contratar na praça de jornas, onde se troca a força dos braços por salários de fome: paralisaram as ceifas. E que a aldeia, por represália, ficara isolada no meio de um cordão sanitário de polícias, como se de epidemia se tra-tasse.» E Alexandre concluiu:

- Em toda a região, há olhos postos nos campone-ses em greve. É preciso ajudá-los, antes que esmoreçam. Queres ir?  
-Vou.

Naquele momento, diria a tudo que sim. A presença inesperada do amigo fazia-o retroceder ao tempo em que merecia a confiança dos camaradas, e lutava. Tam-bém ele, por castigo, fora isolado como um leproso...

- Amanhã é dia de finados - explicou o amigo.

- Deixas este saco no cemitério, dentro do jazigo...

- No cemitério?!

A exclamação saiu-lhe dos lábios, sem que pudesse reprimi-la. Corou. Alexandre incidia sobre ele os olhos coruscantes, que pareciam devassar-lhe todos os pensa-mentos.

- Tens medo? - perguntou secamente.

- Não. Irei, nem que seja ao cabo do mundo. Que-ro «limpar-me» de vez.

O amigo esboçou um sorriso imperceptível; tirou do bolso um revólver.

- Toma. Pode ser-te necessário - disse ele. - Os panfletos devem ficar pouco visíveis sobre as campas. Adeus. Saúde e bom êxito.

No patamar, voltou-se ainda. - A Lua rompe à meia-noite. Percebes?

Tomé ficou a remirar o revólver entre as mãos. «Po-de ser-te necessário, dissera o amigo. Era uma alusão à sua fraqueza na prisão?.. Ah! mas ia mostrar-lhe que era um homem!»

Em plena estrada, depois, Tomé fixou os ponteiros luminosos do relógio. «É cedo, ainda. Posso descansar algum tempo.» Havia meia hora que caminhava e o saco começava a pesar-lhe nas costas, embora apoiado no bordão com que retocara a sua indumentária de maltês. Várias vezes olhara para trás - o seu lado vulnerável. Em redor, a noite era cortina cetinosa e negra, a encobrir perfídias e punhais. Mas deixava antever silhuetas de quintas próximas que emprestavam confiança ao ca-minhante. Se gritasse, ladrariam cães, vultos assomariam às janelas...

Continuou a andar. Ao longe, onde uma estrela pa-recia indicar a meta do infinito, recortava-se o olival, mais escuro do que a noite, misterioso, cerrado! Tomé procurou esquecer-se deste pormenor.

«Que conteria o saco? Pelo cheiro e volume, adivi-nhava latas de conserva, açúcar, chocolates... Umas mi-galhas para uma aldeia de famintos. Mas era um elo da solidariedade que liga o Partido às massas.» (Isto di-ziam os panfletos que escondera entre a barriga das per-nas e as ceroulas.) Animado, Tomé pôs-se a recordar o documento. «O Partido Comunista está convosco, ir-mãos camponeses! A vossa luta é a nossa luta.» Pela ma-nhã, após terem deposto flores singelas na campa dos parentes, as mulheres achariam conforto em tais pala-vras, mais do que nos mantimentos. E não regressariam pesarosas ao lar vazio, nem propensas a levarem os ho-mens à renúncia da greve. «Era um grande dirigente, aquele Alexandre!»

Pisou com mais firmeza o pavimento da estrada. Apetecia-lhe quebrar o encantamento das coisas ador-mecidas: assobiar. «Alguém agitava a cortina da noite, as ramarias? Não, era o vento. Olhar para trás? Ora. Porquê? Agora era oficial de ligação com um exército proletário em luta aberta, invencível!» Antevia o cemité-rio da sua aldeia, muito branco de cal, juncado de flores como o adro da igreja em manhã de romaria. Mulheres comiam chocolates, acenavam com os panfletos... Sau-davam-no. E surgiam camponeses trigueiros, em filas cerradas, de punhos cerrados...

Partiu-se o fio dos pensamentos. Um mocho piara.

E Tomé sacou do revólver; quedou-se ante o olival, a que chegara sem reparar. «Que agoirento pio!» Ali, ti-nha de meter-se no labirinto dos trilhos que esquartejavam o campo e onde um estranho se perdia. - Foi só por isso que me escolheram - lamentou-se o jovem.

Mas logo se lembrou que prometera ir, até mesmo ao cabo do mundo.

Curvado, pretendendo passar despercebido entre as sombras vigilantes, penetrou no olival. Em volta, silên-cio e trevas. Deliu-se a ténue claridade da lua, apenas pressentida; somente as estrelas bruxuleavam como círios. Na

estrada, resguardado por sebes e muros, ele vigiava-se em duas direcções: atrás e à frente. Agora o perigo vinha-lhe de todos os lados. Tipos zoóides destacavam-se dos troncos nodosos, pareciam dormir sob a copa das oliveiras. «Seriam mesmo oliveiras?.. Ah! que se o mocho não piasse mais!...» Mas o mocho piou e outro mocho respondeu. Pios estridentes, entrecortados, como os gritos duma criança afogada. Acorda-ram lobisomens e duendes que Tomé julgou ver em mo-vimento, resolutos e pachorrentos, certos da presa. Barravam-lhe o caminho, estreitavam-lhe o cerco, tal qual nos sonhos maus da sua infância. E o mocho pia-va... E outro mocho respondia... «Porque não viera con-sigo o Alexandre?! Porquê?.. Porquê?!»

Deitara a correr através do olivedo, agitando a arma inútil, tropeçando. Um suor frio escorria-lhe pela cara imberbe; faltava-lhe o fôlego; o saco pesava-lhe nas cos-tas arrepiadas. Não via o caminho, nem gritava por so-corro. Corria, apenas. E quanto mais corria, mais as sombras rodavam em volta, numa dança macabra. O olivedo parecia não ter fim! E os mochos piavam, pia-vam...

Quando chegou à orla do olival, deixou-se cair no chão, exausto. Ao longe, nascia a lua. Da terra, evolava--se o perfume das ervas orvalhadas; corria a brisa nos trigos por ceifar. Campo aberto, silente, a tomá-lo no seio, como outrora a velha ama, nos braços protectores.

Com lágrimas nos olhos espantados, Tomé reagiu en-tão. «Se Alexandre o tivesse visto correr... Que vergo-nha! Mas era assim; não tinha culpa disso. Acaso sabiam eles, os camaradas, porque se denunciara na prisão? Não foi pela dor das pancadas; mas pelo medo da soli-dão e do escuro, naquela cela fria que lhe lembrava o quarto interior onde o seu avô o encerrava por castigo. Estava nisso a sua culpa e a sua defesa.»

Para as bandas da vala que contornava a aldeia, lati-ram cães. «Diabo. A vala podia ser trincheira de polí-cias.» Mas polícias ou cães, embora ferozes, eram bichos que ele sabia classificar. Pior era o perigo dos seres en-feitiçados, intangíveis. Bem pior, o cemitério. Estremeceu só de lembrar-se que ainda lhe faltava esse obstáculo final. - Posso atirar o saco por cima do muro - reflectia ele, enquanto rastejava pelo campo fora. «E se a po-lícia o apanhasse? Quebrava-se o elo que liga o Partido às massas. Mas então também eu sou um elo do Parti-do.» - Pois sou - repetiu ele, e alegrou-se. «Pois en-trarei no cemitério! O materialismo dialéctico ensina que o espírito não existe fora da matéria organizada. As sombras do olivedo... eram oliveiras, afinal.»

Assim pensando, criou um novo alento. Transpôs a vala deserta (os polícias estacionavam nos caminhos da aldeia, com certeza); subiu até à copa duma velha árvo-re, rente ao muro do cemitério; ficou-se a olhar. Lá den-tro imperava o silêncio tumular, arrepiante como o gelo. Campas rasas, marcadas por tufos de verdura e cruces toscas e coroas fingidas, semelhavam canteiros de mo-desto jardim, diziam dos míseros aldeões vencidos pela morte, após luta porfiada com a vida. Apenas ao fundo da rua central, limpa das ervas daninhas, havia um jazi-go de cantaria, entre ciprestes. Tomé fingiu que não o via. Era o túmulo dos seus avós, daquele velho iracundo que batia nos servos e o assustava a si, quando menino. Um déspota!

De novo ouviu latidos. A lua, ao alto, começava a banhar de claridades lustrais o campo funerário. «É tem-po de saltar - decidiu-se Tomé. Alivio-me do saco, de-pressa, e espalho os panfletos pelas campas. Depois... ninguém me agarra.» Sentiu nas mãos a frieza do muro... Saltou. E de sú-bito, por entre o fuste dos ciprestes, pareceu-lhe distin-guir um vulto imóvel à porta do jazigo. Parou estarecido. A mão direita tacteou o revólver no bolso, mas o cérebro recusou-se a comandar o gesto. Um calafrio ar-repanhou-lhe as costas; ouviu bater o próprio coração. Ali, no domínio dos mortos, tornavam-se inúteis as ar-mas. E aquele vulto era a alma penada do seu avô que vinha opor-se ao sacrilégio. Sim, era ele! Via-se avançar; pressentia o toque mortal das suas mãos geladas... «Por-que escolhera Alexandre o cemitério? Porquê? Sempre os fins a justificarem os meios! Meu Deus...»

Caíra de joelhos, com o rosto escondido entre as mãos. Como num eco, escutou uma voz que lhe dizia:

- Estás fatigado, camarada? Deixa ver o saco.

Admirado e trémulo, o jovem levantou a fronte.

- Mas és tu... Alexandre?!

- Pensei que precisarias do meu auxílio... - E noutro tom: - Vamos. Espalha os panfletos e safate. Os cães farejam-nos.

Tomé soergueu-se. - E tu?

- Eu fico no jazigo. Tentarei falar com algumas mu-lheres.

Minutos depois, rastejando sobre as ervas orvalha-das, no regresso, o jovem repetia para si: «É um grande dirigente, aquele Alexandre! E um bom amigo.»

No olival enluarado, um mocho piou e outro mocho respondeu. Tomé sorriu. «Que engraçado é o pio dos mochos!»